

# Orquestra Gulbenkian

**Hannu Lintu**

**Nikita Boriso-Glebsky**



GULBENKIAN  
MÚSICA

**12 + 13 mar 26**

**12 mar 26** QUINTA 20:00

**13 mar 26** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Orquestra Gulbenkian**

**Hannu Lintu** *Maestro*

**Nikita Boriso-Glebsky** *Violino*

### **Edward Elgar**

Concerto para Violino e Orquestra,  
em Si menor, op. 61

c. 48 min

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Allegro molto*

INTERVALO

### **Johannes Brahms**

Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

c. 42 min

1. *Allegro non troppo*
2. *Andante moderato*
3. *Allegro giocoso*
4. *Allegro energico e passionato*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min

INTERVALO DE 20 MIN

# Edward Elgar

(Broadheath, 1857 – Worcester, 1934)

## Concerto para Violino e Orquestra, em Si menor, op. 61

COMPOSIÇÃO 1905-1910

ESTREIA Londres, 10 de novembro de 1910

DURAÇÃO c. 48 min

Entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, Edward Elgar e Frederick Delius (1862-1934) asseguraram, conjuntamente, a continuidade da tradição musical britânica, mercê de uma estratégia criativa diversificada que passou pela ópera, pela música orquestral e pela música de câmara, entre outros domínios.

O Concerto para Violino e Orquestra, em Si menor, op. 61, é uma das partituras cimeiras da produção de Elgar, concebida na esteira dos grandes concertos para violino românticos, saídos das penas de Felix Mendelssohn-Bartholdy, Johannes Brahms, Piotr Ilitch Tchaikovsky e Jean Sibelius, entre outros marcos célebres. Foi ciente deste pilar da tradição erudita que Elgar compôs o seu magistral Concerto para Violino entre 1905 e 1910, levando a bom porto uma primeira incursão no género, a qual acabou por não ver a luz. Pode inferir-se que Elgar prestou viva homenagem àquela valorosa tradição, vindo a dedicar o seu Concerto a um dos maiores virtuosos do instrumento, o austro-americano Fritz Kreisler (1875-1962). Foi o dedicatário que estreou a obra, no Queen's Hall de Londres, a 10 de novembro de 1910, acompanhado pela Royal Philharmonic Orchestra. Dirigido pelo próprio Elgar, o concerto causou forte impressão junto do público, a qual se ficou a

dever não apenas à interpretação prodigiosa de Kreisler, mas também à imponência da instrumentação (que conta com contrafagote, 4 trompas e 3 trombones) e à escala massiva da composição, cuja duração total quase chega aos cinquenta minutos.

A contracapa da primeira edição londrina de Novello & Co. reproduz uma citação que permanece, até hoje, envolta em nebuloso enigma (tal como, aliás, as célebres *Variações*, op. 36, de 1899), mas que, provavelmente, esteve na génese contristada da obra: “Aqui se encerra a alma de...”. A frase incompleta, recolhida da novela picaresca de Alain René Le Sage, *Gil Bras*, e nunca decifrada pelo compositor, deu azo a uma série de suposições sobre a quem pertenceria a mencionada alma, se às amizades próximas de Elgar e da sua esposa, Caroline Alice, se a algum vulto proeminente da arte ou da literatura inglesas, se ao próprio músico. À falta de respostas, permanece o enigma, não sendo de pôr de parte algum eventual sentido alegórico, de resto muito do agrado do compositor.

O concerto principia com uma longa introdução orquestral, *Allegro*, na qual o compositor faz suceder vários elementos temáticos, como se a esboçar um vasto cenário de colorações emocionais,

dominado pelo contraste entre estados de espírito exuberantes e outros mais serenos e introspectivos. A entrada do instrumento solista apoia-se na cabeça do primeiro tema da introdução para logo infletir no contemplativo segundo tema. É o início de uma viagem sonora de grande intensidade e beleza, dominada pelas interações entre o violino e a orquestra. A escrita violinística de maior exigência técnica impõe-nos compassos finais do andamento, conduzindo-o a um desfecho arrebatador.

Da evocativa névoa orquestral que inaugura o segundo andamento, *Andante*, surgem as sugestões temáticas de recorte modal, a partir das quais o violino elabora o seu próprio discurso melódico, rumo a patamares tonais bastante distanciados da tonalidade de partida, Si bemol maior. O violino domina a textura ao longo de todo o andamento, tendo a orquestra um papel constante na harmonização dos solos e na resolução de certas tensões deixadas em aberto.

O andamento final, *Allegro molto*, recupera os moldes do primeiro andamento, inspirados na forma de sonata. O violino descreve uma espécie de prelúdio, com longas figurações ascendentes, às quais a orquestra responde, de forma enérgica. Após o breve retorno à tónica de Si menor,

a orquestra inflete na tonalidade relativa de Ré maior para a exposição do tema principal, logo retomado pelo violino, como mote para longas e inflamadas volutas de cunho virtuosístico. Outros motivos melódicos vêm a ter lugar no curso do desenvolvimento, tomando parte na conceção extraordinariamente prolixa do andamento, quer do ponto de vista melódico como harmónico. Após a breve recapitulação, tem lugar a cadência final, assinalada pelo regresso aos temas do primeiro andamento, imersos numa misteriosa névoa da qual se desprende o tom lânguido do solista, numa peroração intensa que reflete um mundo interior repleto de sentimentos velados e, talvez, de algumas angústias. As hesitações e as dúvidas dão lugar, enfim, ao despertar do solista, o qual parece vislumbrar a confiança necessária para ultrapassar todas as contrariedades, animado pela sugestão do tema principal, trazida pela orquestra. Neste momento derradeiro, a escrita violinística transfigura-se, por completo, atingindo um nível ímpar de virtuosismo, ao qual a orquestra responde com intensidade dramática e, muito particularmente, com a intervenção, em *sforzando*, dos metais.

# Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

## Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

—

COMPOSIÇÃO 1884-1885

ESTREIA Meiningen, 25 de outubro de 1885

DURAÇÃO c. 42 min

A derradeira sinfonia de Johannes Brahms foi composta entre 1884 e 1885, inscrevendo-se numa linha de criação austro-germânica cujas origens remontam à escola vienense, sob o signo de Ludwig van Beethoven. Provindas do mundo da interpretação e da crítica, foram várias as vozes que se levantaram contra o prolongamento deste veio sinfónico, subsistindo a ideia de que o legado de Beethoven assinalava o respetivo término absoluto e definitivo. Em 1840, Robert Schumann confirmou esta mesma visão, quando escreveu as seguintes palavras, acerca da 9.ª Sinfonia de Schubert: “Devo dizer, desde já, que qualquer pessoa que não esteja familiarizada com esta sinfonia conhece muito pouco sobre Schubert. Se considerarmos tudo aquilo que ofereceu à arte, tal asserção pode parecer a muitos como exagerada, em parte, sem dúvida, porque os compositores foram muitas vezes admoestados de que seria melhor para eles – depois de Beethoven – se abstivessem do género sinfónico”.

De todo o modo, Brahms persistiu contra ventos e marés, procurando levar a cabo a síntese entre a herança classicista e as novas tendências expressivas do seu tempo, transportando o repertório sinfónico para uma dimensão abstrata, quase metafísica, através da qual se tornou veículo das

emoções e dos sentimentos mais profundos e inusitados. Numa primeira fase de esboços, o projeto não foi compreendido pelos amigos próximos do músico, entre os quais o esteta Eduard Hanslick, mas o clima mais favorável que entretanto emergiu, depois da estreia em Meiningen, a 25 de outubro de 1885, acabou por impô-lo como símbolo do sinfonismo romântico tardio, a par com as novas propostas que então eclodiam por parte de Alexander von Zemlinsky e Gustav Mahler, entre outros músicos.

A linguagem densa e introspetiva de Brahms impõe-se desde os primeiros compassos do primeiro andamento, *Allegro non troppo*, à medida que os primeiros violinos expõem a bela e angulada linha melódica principal, a qual evolui na textura e se vai transformando, com o reforço dos restantes naipes orquestrais. O primeiro gesto contrastante sobrevém com o motivo heroico dos sopros de madeira (oboé, clarinete e fagote), reminiscente do compositor checo Antonín Dvořák. O segundo tema vem também a ser exposto pelos violinos, tendo nas respostas das madeiras um complemento sereno. Tem então lugar o desenvolvimento, com o regresso do primeiro tema na orquestração de partida, durante breves compassos. A textura agita-se, depois, com a fragmentação dos seus

elementos constituintes e a sucessão de encadeamentos harmónicos invulgares. O contorno rítmico do primeiro tema vem a ser alterado na recapitulação, com a distribuição da melodia pelos sopros, com durações mais prolongadas, à imagem de um *cantus firmus*. A prolongada coda conclusiva acentua o carácter dramático da composição.

No segundo andamento, *Andante moderato*, o compositor atribuiu à trompa o motivo de abertura: ecoando a solo e depois reforçado pelos restantes sopros, este motivo prenuncia, de novo, o compositor checo Antonín Dvořák, no seu famoso Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Si menor, op. 104. Por seu turno, o segundo tema foi atribuído aos violoncelos, com o acompanhamento dos violinos e das violas. Como em muitos andamentos congéneres, Brahms distende depois a textura, seguindo princípios de variação motívica e harmónica. A coda final incide sobre o motivo de partida.

O terceiro andamento, *Allegro giocoso*, na tonalidade sobredominante de Dó maior, aparenta-se com um *scherzo*, dotado de variadas e imaginativas progressões motívicas, entrecortadas por “golpes” orquestrais arrebatados.

O enérgico primeiro tema, construído sobre breve célula rítmica, é disperso desde

logo pelos diferentes naipes orquestrais, fragmentando-se numa paleta tímbrica multicolor. Para esta diversidade contribuiu o reforço do efetivo orquestral, com o piccolo, o contrafagote e o triângulo. Um airoso segundo tema sobrevém por breves instantes nas cordas, dando logo lugar a digressões fantasiosas que, por vezes, fazem lembrar a música de inspiração popular.

O quarto e último andamento, *Allegro energico e passionato*, põe em evidência o interesse de Brahms pelo universo da música antiga e, muito em concreto, pelo padrão ternário da antiga *Chaconne*, também apreciado por outros representantes da tradição germânica, entre os quais Johann Sebastian Bach. Na Cantata *Nach dir, Herr*, BWV 150, teve origem, aliás, o tema de partida do andamento, em jeito de coral. A partir deste material singelo, contudo massivamente harmonizado, evolui o conjunto de trinta e quatro variações, a que se segue a coda final. Um dos momentos destacados é trazido pela flauta e pelo seu solo misterioso, na parte central. A recapitulação do tema inicial pelos sopros inaugura, depois, nova série de variações, rumo ao grandioso final que, hoje em dia, como na época de Brahms, imprime viva e duradoura impressão.

## Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfônica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfônica de Boston, a Sinfônica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfônica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfônicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfônica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

## Nikita Boriso-Glebsky

A carreira de Nikita Boriso-Glebsky teve início em 2007, quando ganhou o 2.º prémio e cinco prémios especiais no 13.º Concurso Internacional Tchaikovsky. Em 2010 venceu o concurso Sibelius, em Helsínquia, e o Concurso Fritz Kreisler, em Viena. Outras vitórias em concursos internacionais no Mónaco, em Bruxelas e em Montreal proporcionaram-lhe convites para atuar em importantes salas de concertos, nomeadamente em colaboração com orquestras de relevo e músicos como Sakari Oramo, Vasily Sinaisky, Dima Slobodeniouk, Stanislav Kochanovsky, Klaus Mäkelä ou Mao Fujita, entre outros. Nas duas últimas temporadas, a sua carreira ficou marcada por importantes estreias no Carnegie Hall, no Fisher Center, no Suntory Hall e no Seoul Arts Center, e com a Sinfônica de Barcelona, a Orquestra de Câmara de Viena, a Sinfônica de Istambul, a Sinfônica de Tenerife e a Sinfônica de Jerusalém. Na temporada 2025/2026, Nikita dá continuidade às colaborações com orquestras com as quais já estabeleceu relações artísticas duradouras, como a Sinfônica de Bournemouth e a Sinfônica da Rádio Finlandesa, que encomendou um novo concerto para violino ao compositor Sauli Zinovjev. A estreia terá lugar sob a direção de Elim Chan. A temporada trará também novas estreias, incluindo as atuações com a Orquestra Gulbenkian, bem como novas oportunidades na sua digressão de recitais a solo no Japão.

O seu repertório abrange desde obras-primas intemporais de Beethoven, Brahms e Tchaikovsky, a peças de Schnittke, Bodrov e Zinovev, refletindo a programação tanto um profundo respeito pela tradição como uma paixão pela inovação musical. O violinista continua a expandir o seu repertório, oferecendo ao público não só clássicos consagrados, mas também peças raramente interpretadas.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Heide CONCERTINO \*  
Francisco Lima Santos 1.º CONCERTINO AUXILIAR  
Maria Balbi 2.º CONCERTINO AUXILIAR  
Johannes Schants 1.º SOLISTA\*  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Catarina Resende  
Margarida Queirós  
Félix Duarte  
João Vieira de Andrade \*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA  
Zachary Spontak 1.º SOLISTA  
Piotr Rachwał 2.º SOLISTA  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira  
Rosa de Sá\*  
Luís Xavier Pereira\*  
Francisco Ferreira\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA  
Lu Zheng 1.º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Artemis Balkiz  
Joana Silva  
Micaela Miranda  
Milan Radocaj\*  
Dinis Campos\*

## VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Nuno Abreu 1º SOLISTA\*

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Tiago Mirra

Maria Nabeiro\*

Aléssio Cunha\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Vitor Silva\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Nuno Inácio 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA | CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Angel Soliva 1º SOLISTA\*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

David Jimenez 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

—

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

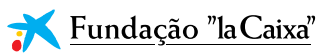
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*

